Verdeixa Esquecido no Centenário de sua Morte

ANTÔNIO GOMES DE FREITAS

O padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa encheu toda a vida política da Província do Ceará no meado do século XIX, com a sua irrequietude proverbial, manifestada no púlpito, na tribuna, na imprensa, e por todos os meios de comunicação da palavra escrita e falada.

Ressalte-se que nessas atividades, ao invés de adotar o DECÁLOGO DE MOISÉS, como eclesiástico que era, preferiu seguir os DEZ MANDAMENTOS DE MAQUIAVEL, famoso pensador florentino, que aconselhava a eliminação do inimigo, e até do amigo, usando como armas, a perfídia, o vilipêndio, a calúnia, a injúria, o logro, e enfim, a supraessência do mal, contanto que alcançasse a vitória.

Tudo isso o padre Verdeixa praticou durante toda a sua vida, sem rebuços, pois que seu lema foi sempre o de que, **os fins justificam os meios.**

Com as suas traquinagens, o padre Verdeixa motivou todos os historiadores antigos e modernos, tendo dele dito o notável pesquisador Hugo Vitor Guimarães, que... "curiosíssima figura de nossa história, o padre Verdeixa foi um louco genial que se celebrizou por uma série infinita de ações nocivas e "**boutades**" de toda natureza, trazendo em apuros as autoridades provinciais, especialmente alguns presidentes dos quais se constituiu inimigo gratuito tão somente pelo espírito de contradição, assim como até elementos do Clero, fazendo, não raro, da tribuna sagrada veículo de suas diabrites".

Prosseguindo nos seus comentários, mais adiante diz Hugo Vitor: — "Só para saber-se onde nasceu, e quando,

mais de cinquenta anos de pesquisas foram precisos". E acrescento eu que se não fora o padre Antônio Gomes de Araújo, que foi quem desvendou este segredo que jazia nos velhos papeis paroquiais da região do Cariri, talvez, ainda hoje, permanecesse na obscuridade a data e o lugar do nascimento de Verdeixa. É que ele mesmo, muito de propósito se comprazia de lançar a confusão ora se dizendo filho do Crato, outras vezes, natural de Olinda (Pernambuco), e ainda ter nascido no Rio do Peixe, na Paraíba. Nasceu no Crato a 3 de janeiro de 1803, reza a sua certidão de batismo.

Eu também tive oportunidade de me ocupar do padre Verdeixa, descrevendo a repulsa do povo de Tauá, ao tomar conhecimento de sua nomeação para PROFESSOR DE LATIM daquela Comunidade.

Realmente, pela Lei n.º 42, de 20 de setembro de 1837, foi criada uma cadeira de Gramática Latina, na Vila de São João do Príncipe (Tauá), e, para provê-la, 4 anos depois, foi nomeado o trêfego e temido Pe. Verdeixa, pelo presidente da Província Brigadeiro José Joaquim Coelho, o qual, ao professor recem-nomeado, dirigiu dois ofícios em que recomendava terminantemente — "**Siga para a vila de S. João do Príncipe a preencher as funções da aula de Latim, sem a menor demora, certo de que não admito desculpa.**"

Ao tomar conhecimento do ato do governante do Ceará, a Câmara da metrópole dos Inhamuns deliberou manifestar o seu desagrado pela desastrosa escolha do irrequieto sacerdote, em ofício datado de 10 de julho de 1841, com o seguinte teor: — "**Temos a satisfação de receber o ofício de V. Exc. de 28 de maio pp. acompanhado da cópia da Portaria pela qual contava estar o Pe. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa nomeado professor de Latim desta vila, cuja nomeação devia ser satisfatória, por se conhecer quanto é útil aos habitantes deste Município, e mormente pelas intenções benfazejas de V. Exc. foi que assim deliberou,**

porém esta Câmara parecendo-lhe de seu dever com antecipação prevenir alguns incovenientes que é de esperar, e muito principalmente quando alcança alguns receios dos Povos, por haver cabal conhecimento dos barulhos que aquele Padre tem causado em todos os lugares onde tem existido, por isso requizitamos a V. Exc. a remoção daquele Padre, mandando-nos outro que em tudo desempenhe o seu dever." etc....

O documento está firmado pelo presidente da Câmara de Tauá, Francisco Pereira Maia e subscrito pelos vereadores: João Leopoldo de Araújo Chaves Joaquim de Sousa Rêgo, José Rodrigues de Matos Pereira e Antônio Martins Chaves.

Um indesejável, o padre Verdeixa, de origem clandestina, pois que fruto de uma união ilícita, foi, em toda a sua vida autêntico representante da malignidade. A nossa referência no que tange à sua origem espúria, não o diminui ou humilha, nem tão pouco macula seus pais, por que acasalados sem vínculos. Estou seguro neste ponto de vista, que se arrima na opinião de uma das mais altas, dignas e cultas autoridades do catolicismo.

Quero me referir a Lainez, lume da Igreja, que tem para com os casais sem publicidade prescrita na lei, palavras de indulgência assim informa o grande Rui Barbosa: — **"LAINEZ mesmo, teólogo do Papa e Geral dos Jesuitas, equiparou os casamentos clandestinos ao do primeiro homem, não descobrindo nada de mau em si, nessas alianças".**

Não se pode, pois, incriminar a pernambucana Feliciana, mãe de Verdeixa. pela maneira de como o botou no mundo A ele, sim, é que cabe unicamente a culpa, pois Verdeixa, pelas suas ações pérfidas, e pela sua vida turbulenta, foi que se expoz a mal querência pública. Sempre infatigável na faina de caluniar e injuriar, distribuindo com quem se encontrava e por onde passava, a inquietação, o ódio, a intriga e a maldade. Ainda hoje se recordam, na tradição dos mais velhos as suas extravagâncias.

João Brígido um dos seus biógrafos, dedicou-lhe muitas páginas de seu livro "CEARÁ, LADO CÔMICO", com narrações de suas malfeitorias. Mas o cintilante cronista não contou uma das mais interessantes diabrites cometidas por Verdeixa, que ocorreu por ocasião de sua viagem para Aracati, tendo passagem forçada por Russas, em cuja localidade foi encontrar, quase à morte, uma parturiente.

Chamado para conferir a extrema unção à aludida moribunda, logo lhe veio a idéia de salvá-la das garras da morte, em troca de uma ração para sua cavalgadura, e frugal refeição para si próprio.

Em execução do plano, incontinenti sobre o peito da mulher pôs um amuleto, isto é, um objeto maleável costurado num retalho de pano ordinário.

Depois de algum tempo, a parturiente, sugestionada, sentiu-se livre das dores que a afligiam, delivrou-se em paz, dando mil graças ao amuleto confeccionado pelas mãos sacrílegas de Verdeixa, que logo se viu bem recompensado. Lá fora, debaixo da latada, o Alazão triturava dois litros de milho, enquanto seu dono, o fazedor de milagres, sentado à mesa do matuto de Russas, com intemperança, dilacerava uma galinha gorda.

O Padre, saciada a fome, satisfeito, foi-se embora e mais satisfeitos ainda ficaram os donos da casa, que aguçados pela curiosidade de conhecer o segredo da relíquia salvadora, resolveram abrir o saquinho para ver o que nele se continha. Depararam-se com um pedaço de papel almaço com os seguintes dizeres: — **"Passando bem, eu e meu cavalo Alazão, pouco importa que esta égua pára ou não".**

Era assim o famoso Verdeixa, que a Câmara de São João do Príncipe repeliu, acautelando-se contra a ação maléfica do sacerdote irrequieto e barulhento.

Mas o que mais preocupava os políticos dos Inhamuns não eram os desregramentos do **Canoa Doida**, e sim suas malfazejas intromissões na política ou na magistratura do

local, como certa vez aconteceu em Baturité cujo episódio burlesco João Brígido nos conta do seguinte modo:

"Na queda de Alencar e seu partido, Verdeixa se localizou em Baturité.

Para ali o presidente caranguejo o nomeou juiz de paz, que valia tanto, como um delegado da lei de 3 de dezembro, com o contrapêso da competência judicial. Verdeixa fez cousas incríveis, como juiz de paz.

Na eleição para senador, na qual o presidente Sousa Martins tinha empreitado a candidatura de Miguel Calmon, Verdeixa, juiz de paz, tratava de dispersar, por todos os modos os eleitores chimangos.

Esgotou o seu cabedal de motivos, e deu finalmente, voz de prisão a um eleitor que chegava escarranchado no seu cavalo. O homem empalideceu! Preso, porque, Sr. Juiz de Paz? Alexandre se desconcertou com a pergunta, mas rehavendo a sua firmeza lhe bradou: Preso, por que vem para a eleição em sela sem rabicho!... E mandou recolher o matuto à cadeia".

Evidentemente, um homem dessa espécie não serviria à Comunidade, mormente para educar a juventude. Daí o movimento de repúdio dos tauaenses à nomeação de Verdeixa.

Mas, o curioso de tudo isto é que, tratando-se de uma figura por demais conhecida dos nossos homens de letras, tenha sido esquecida na data do centenário de sua morte, ocorrida a 17 de outubro de 1872, quinze anos antes da fundação do nosso querido Instituto do Ceará.

Por isto, é oportuno o presente registro, muito embora um pouco tardio. mas terá o mérito de trazer sempre à baila a imagem que ele nos deixou.